

CONCEITOS E TEMAS DA EDUCAÇÃO POPULAR BRASILEIRA

Janete Machado Bruno¹

RESUMO

Este artigo visa mostrar a importância da trajetória do renomado autor educacional Paulo Freire e a luta por uma educação popular igualitária. Sabendo que houve muita repreensão e opressão das classes populares, devemos refletir a respeito da educação que queremos para todos. Ao invés, de fazer como muitos que não somente tentam derrubar o ensino público, como também julgam Paulo Freire, como alguém sem nenhuma importância para o campo educacional. Dessa forma ao longo da temática aqui proposta veremos como alguns teóricos mencionam o defensor dos oprimidos e toda a sua imensa luta, marcada por impasses e vitórias. É de suma importância que entendamos que não devemos ficar calados com os ataques que a educação vem sofrendo ao longo dos anos. Além, de proporcionar uma educação de qualidade, esta deve ser destinada a todos sem nenhuma exclusão.

Palavras-chave: Educação Popular, Paulo Freire e Desigualdades Sociais.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta as definições designadas a educação popular, diante da conceituação e do contexto histórico advinda da compreensão de cinco autores com diferentes textos que se voltam para o desenrolar da temática. Sendo um trabalho de revisão bibliográfica, baseado nos seguintes teóricos: ANHUCCI e SILVA (2013); GADOTTI (2007); GOHN (2015); NAHMÍAS (2009); MENEZES e GONÇALVES (2018). Objetiva-se analisar as definições dadas a educação popular diante da diversidade das novas questões que essa veem enfrentando desde a sua formação até os dias atuais.

Este texto será voltado para suscitar possíveis respostas e questionamentos diante da seguinte indagação: Quais os conceitos e os temas que definem a educação popular? Afim de, de refletir sobre tal questão e a sua possível solução serão apresentados três subtemas intitulados: A relação dialógica a respeito da educação popular na visão de alguns autores (como estes autores definem essa educação), Paulo Freire e o seu eterno legado de uma educação incluyente (aqui mostra-se um pouco a respeito do envolvimento de freire com esse tipo de ensino e a sua importância para uma sociedade inferiorizada) e Pedagogia da opressão X Pedagogia da conscientização (trata-se de apresentar de forma simplificada mas relevante como conviver em sociedade de forma coletiva).

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFCG, janetemachado@outlook.com.br.



A RELAÇÃO DIALÓGICA A RESPEITO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES

Se perguntarmos a qualquer pessoa: Como ela define a educação popular? A sua resposta será óbvia em dizer que está é uma educação para o povo. Mas a que classe se destina? Que gênero atende? Como o sujeito engaja-se nela? O que ela requer e faz do sujeito? Afim de responder a tais questões vamos recorrer a alguns autores em especial e compreender suas perspectivas sobre esses dados.

Inicialmente faremos uma viagem no tempo revendo A relação entre educação popular e os movimentos sociais na construção de sujeitos coletivos, a partir de Maria da Glória Gonh.

De acordo com GONH:

A educação popular no Brasil e demais regiões da América Latina, nos anos de resistência aos regimes militares e no período da transição à democracia, teve uma natureza essencialmente sociopolítica porque ela era um instrumento de mobilização e organização popular. Este período gerou, além de inúmeros movimentos sociais populares na sociedade civil, que tiveram um papel decisivo para a mudança do regime político vigente, uma série de técnicas e metodologias de trabalho de campo, de natureza ativa e participativa. Destacam-se: o sociodrama, o teatro de comédias e pantomimas, jogos de papéis, dinâmicas grupais; produção de audiovisuais, vídeos populares, cartazes, cartilhas, leituras coletivas de textos, etc., num jeito novo e livre de “fazer política” no cotidiano questionando a ordem dominante. (GONH, 2015, p.6).

Como a autora fala de maneira enfática a educação popular só foi concedida pelas incansáveis manifestações que a classe pobre fazia em prol dos seus direitos. Esta erra vista mais como uma revolução adversa ao sistema político que havia na época do que uma luta por direitos iguais ao ensino. As pessoas já não queriam mais continuar alienadas e interligadas as atrocidades tanto advindas de seu patrão como do Governo patriarcal que as comandava tradicionalmente, como se elas não pudessem pensar.

Mas na verdade tudo isso não passava de um plano ideológico bem pensado, aonde se conseguia enriquecimento e mão de obra barata. Pois, sem saber quais eram seus direitos das trabalhadoras e trabalhadores nada podiam reclamar, enriqueciam seu patrão e sobreviviam com péssimas condições de trabalho.

Essa se deu num ambiente de soberania do regime político exercido pelo povo, mais conhecida como democracia. Partindo de uma análise tanto da sociedade, quanto da ajuda



política, de alguns que apoiavam as manifestações populares em prol das classes pobres e desprivilegiadas desse cenário.

Já sabemos que a autora estimava uma educação coletiva de pessoas que pudessem ser autônomas e conscientes de seus direitos e deveres. Mas será que em meio a tanta luta ainda há algo que atrapalhe o desenvolvimento desta?

De acordo com Marcela Tchimini Nahmías no seu artigo: Os desafios da educação popular frente à diversidade e à exclusão:

A Educação Popular emergiu em tempos difíceis de perseguição e atropelo aos direitos fundamentais. E é justamente nesse contexto que surgiu a necessidade de trabalhar pela liberdade, de gerar uma consciência coletiva da capacidade transformadora e libertadora que nos permite quebrar as cadeias da opressão. Hoje, afortunadamente, podemos dizer que, na América Latina, não existem ditaduras militares; no entanto, tem-se levantado um novo tipo de opressão caracterizada pelo mercado, pela exclusão, pela desigualdade na distribuição da riqueza, do poder e do conhecimento. (NAHMÍAS, 2009, p. 123).

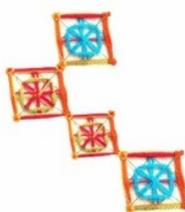
Mesmo diante de uma série de mudanças e do direito a escola pública nos dias atuais a educação popular não está cumprindo seu dever destinando-se a todas e todos. Pelo contrário, ela vê favorecendo uns e excluindo outros. Não somente pelas precárias condições do ambiente educacional ou pela tão reclamada ausência de materiais, mais principal pelo ensino qualificar o educando por notas e desestimular sua aprendizagem.

Embora a ditadura militar tem acabado. O mercado tem assumido esse papel sem nenhuma dificuldade, fazendo com que os pobres continuem sendo discriminados. Em alguns casos esse paradigma advém das portas da escola, quando essa não trabalha com a diversidade que liberta, que ensina o desenvolvimento mutuo e o respeito para com o seu próximo.

Caso as classes pobres não tivessem se unido nessa tão acirrada luta, possivelmente não teriam sido vistas, pois, não tinham vez, tão pouco voz para se expor e lutar pelo o que é seu. Além de terem seus direitos negados pelo seu patrão, não possuíam visibilidade alguma pela sociedade, que só valorizava os ricos.

Fazendo uma reflexão mais simplificada do pensamento da autora devemos desenvolver uma educação com todos não somente para todos. Tomando essa perceptiva veremos o que as autoras Loren Pelik Kempe Anhucci e Claudia Neves da Silva retratam em: **EDUCAÇÃO POPULAR: desafios postos pela pós-modernidade.**

Segundo ANHUCCI e SILVA:



Entende-se a Educação Popular enquanto aquela feita pelo e para o povo. Se a mesma não for construída com a participação crítica do povo, a mesma irá servir tão somente com a reprodução da ideologia dominante. Assim, embora popular, servirá aos interesses daqueles que ainda ditam as regras. Diante das transformações mundiais é preciso que a Educação Popular, e os movimentos populares como um todo, repensem sua base fundamentadora, e com isso sua prática transformadora. (ANHUCCI; SILVA, 2013, p.8).

Podemos entender melhor essa questão ao pensarmos em uma criança com dislexia, aonde é necessário trabalhar regras específicas que atendam ao desenvolvimento a mesma, superando assim a sua especificidade. Pois, sem antes pensar com ela, o que ela precisa para se desenvolver não é tão prudente e talvez caminhe a passos muito indesejáveis.

Da mesma maneira quando me refiro a uma educação para as classes pobres não devo criá-la ao meu bel prazer, mas antes construir num todo coletivo com essa classe o que eles precisam e pensar como farei para atender as suas necessidades sem perpassar um ensino que deixem impasses, alcançando a poucos.

Quando dissemos que vamos fazer algo para alguém, pensamos o que aquela determinada pessoa precisa ou o que a faria mais feliz. Da mesma maneira, não se pode pensar numa educação que vise atender o povo, trazendo desenvolvimento, sem antes pensar no seu próprio envolvimento e convívio, na construção do que li servira, do não foi feito para outros, mas para eles.

Quem poderia falar dessa educação na prática tendo em vista que ela não funcionava somente por meio de palavras mais de ações? Ninguém melhor do Paulo freire citado por Moacir Gadotti em seu artigo: Paulo Freire a educação popular.

De acordo com GADOTTI:

A educação popular tem-se constituído num paradigma teórico que trata de codificar e descodificar os temas geradores das lutas populares, busca colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressam essas lutas. Trata de diminuir o impacto da crise social na pobreza, e de dar voz à indignação e ao desespero moral do pobre, do oprimido, do indígena, do camponês, da mulher, do negro, do analfabeto e do trabalhador industrial. (GADOTTI, 2007, p.4).

Chamamos de educação popular aquela que busca um modelo de conhecimento racional baseada no entendimento das leituras advindas de temas com palavras que fazem parte do cotidiano das pessoas. Abrindo assim o espaço, que antes fora retirado das pessoas que não possuíam o direito ao conhecimento. Sendo sempre, oprimidas e esquecidas pela



sociedade egocêntrica. Esse era objetivo da luta de Freire dá voz e vez ao povo, que foi calado por terríveis formas de opressão.

Essa não apenas uma forma de valorizar apenas uma classe pobre específica de mulheres ou homens, mas de todas e todos os que estão sem visibilidade. É uma forma de auxiliar as mulheres e negros que são tão discriminadas e também são membros dessa mesma população, que também se encontram sem muita esperança num futuro melhor, mas que podem e devem buscar sua liberdade e não se conformar com tais injustiças sociais.

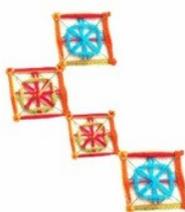
Diante deste contexto tão rico de envolvimento e defesa dessa educação. Pode-se dizer todos viviam as teorias freirianas como a única saída para a emancipação do povo? Evidentemente essa não era a realidade desse contexto. De acordo com Germana Alves de Menezes e Luiz Gonzaga Gonçalves, no seu texto intitulado: PAULO FREIRE: a favor ou contra pequeno inventário de críticas, confrontos e contribuições.

Para MENEZES e GONÇALVES:

Em oposição aos que queriam que apresentasse um projeto de transformação social completo, Paulo Freire argumentava que não há modelos acabados de sociedade, o que buscamos está em deslocamento, a tarefa de buscar o novo é permanente e é fruto de um fazer e de um pensar coletivos. Acrescentava: não basta mudar as estruturas, devemos dar sinais das mudanças como indivíduos também. Para Paulo Freire, o intelectual progressista no intento de esboçar um projeto mais acabado de transformação social, poderia incidir em uma tentação em direção a um movimento também vertical, próprio dos setores dominantes. Como desdobramento, não haveria uma garantia de manter um canal de abertura horizontal, capaz de dar conta das aspirações, das diferenças, das limitações da base dos setores de luta e enfrentamentos sociais. (MENEZES; GONÇALVES, 2018, p. 5).

Muitos queriam derrubar a prática educacional do renomado educador Paulo Freire. Mas não se davam conta de que falam daquilo que não tinham fundamentação para contrariar. Não se davam conta da sabedoria que vai da mente brilhante daquele ser humano em defesa da liberdade dos escravizados pelas mãos de seus senhores. Para ele sempre poderiam surgir novas mudanças que buscassem o crescimento coletivo, não algo dado como regra única que engrandece apenas um indivíduo.

Devemos estar certos de que não conseguiremos estabelecer uma metodologia que possa atender a todos, durante todas as épocas. Assim, como foi falado anteriormente as coisas sempre mudam, e toda forma de conhecimento deve vir de encontro as reais necessidades de seus clientes, não devem fazê-los objetos, mas efetivam-se como seu objetivo de aprendizagem.



Para tanto seria necessário trabalhar com uma educação para todos, não com algo que fosse criada apenas e somente para quem conseguir atender as regras já estabelecidas. Diante desse contexto veremos como essa ideia funciona na mente e na vida de Freire.

PAULO FREIRE E O SEU ETERNO LEGADO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUDENTE

Freire não tratava as pessoas com inferioridade, não as predestinava a permanecerem ligados a sua condição de pobreza e falta de conhecimento. Ele sentia que sempre podia haver grandes mudanças, que a sua influência e coragem poderia motivar os desmotivados. Fazia do coletivo algo importante para o crescimento de todas e todos, aqueles que assim o buscassem.

De acordo com GADOTTI:

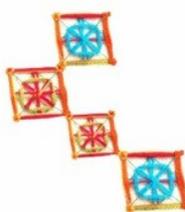
Paulo era muito otimista, acreditava nas pessoas e as estimativas, com suas palavras, ao engajamento e á luta por um outro mundo possível. Repetia, muitas vezes, que o mundo é possibilidade, não é fatalidade. A educação não é um tesouro que se perde ao entregar a outros. Ao contrário, é um tesouro que aumenta, ao ser repartido. Mais tarde ele diria que só é válido o conhecimento compartilhado. (GADOTTI, 2007, p.2).

Segundo Guidotti, Paulo Freire não se deixava levar pelos obstáculos que apareciam diante de sua iniciativa de ajudar as pessoas. Não somente era convicto de que todas e todos pudessem sair do lugar de alienação que se encontravam e estar aptos para o conhecimento, como também, buscava arduamente instigá-las a crer nisso e a ir além de sua condição estável, e sempre ser melhor do que antes fora.

O autor também fala de maneira enfática como Freire via a educação popular.

GUIDOTTI enfatiza que:

Educar para outros mundos é fazer da educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de formação crítica e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado: é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua forma hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, é uma educação para a sustentabilidade. (GADOTTI, 2007, p. 6).



De acordo com a fala de Gadotti, a educação tanto progressista, quanto tradicional, devia ser uma construção, e não uma transmissão. Pois, devia haver uma troca de conhecimentos, aonde, o educando fosse autor de suas próprias palavras, e mesmo não sabendo defender seu ponto de vista a partir, de um olhar intelectual, mesmo assim, não abrisse mão dele. E mostrasse que ele também tinha conhecimento de determinadas coisas, mesmo que fosse com conceitos breves.

Dessa maneira as pessoas não estariam apenas prontas para uma formação que li desse suporte para estar aptos ao trabalho, mas também, preparados para viverem em sociedade de uma forma mais igualitária. Sabendo quais são seus deveres e direitos e não desrespeitando o seu próximo. Essa seria uma educação que visava a formação e a preservação de valores morais, não somente atingia chegar ao estopim de uma vida financeira egoísta e egocêntrica.

Veremos como podemos sair dessa trágica submissão imposta pelas autoridades dessa época, nesse estado de cansaço e sensação de enfraquecimento em que as pessoas se encontravam. Pois, trabalhavam em excesso e estão enraizadas nos dias atuais com uma sociedade que diz ser tão conservadora, que nem ao menos pode deixar as pessoas serem elas mesma e fazer o que são delas mesmas. Porque, há um tradicionalismo tão radical, que as mesmas concepções de sempre são aceitas e impostas, mesmo para aqueles que sabem seus direitos.

Dessa maneira não precisamos retornar ao passado e nos orgulhar muito da sociedade que temos hoje. Devemos refletir sobre a antiguidade e rever o espelho que traduz a mesma imagem preconceituosa que tínhamos e temos atualmente. Devemos está atentos que alguns não respeitam as pessoas ao seu redor, mas desastrosamente as toleram, para não serem vistas como preconceituosas.

Por isso, devemos tentar mudar essa página e mostrá-las que devem ser saber o que estão fazendo consigo mesmas e com os que estão a sua volta.

PEDAGOGIA DA OPRESSÃO X PEDAGOGIA DA CONSCIENTIZAÇÃO

Vivemos em um mundo que se perde em meio a suas próprias contradições. Pois, como negar o diferente se não gostamos das mesmas coisas? Não seria loucura ir contra mim mesmo?

Não temos de criar maneiras diferentes para que um aprenda de um jeito e os outros sejam obrigados a aprender de uma única forma. Mas temos que ir além, dando passos para que todas e todos se desenvolvam do seu jeito, sempre aprendendo uns com os outros.



Segundo NAHMÍAS a diversidade:

Com efeito, um primeiro elemento a considerar para a incorporação da diversidade na Educação Popular é a atitude e a aptidão para trabalhar com a diferença e valorizá-la como um aspecto mais enriquecedor que ameaçador. Estamos sensíveis e atentos para ver e trabalhar com a outridade é o primeiro passo necessário para a consolidação de uma educação inclusiva e não homogeneizadora, criativa e não reprodutiva, participativa e não hegemônica. A aptidão refere-se ao conhecimento necessário da diversidade existente. Ou seja, a “boa vontade” não é suficiente se não vier acompanhada de um saber fazer e de uma compreensão das diferentes expressões sociais e cidadãs. (NAHMÍAS, 2009, p.130).

De acordo com o contexto acima pode-se compreender o quanto as pessoas excluídas vivem oprimidas. Isso nos leva a reflexão de que podemos sim, fazer uma Pedagogia que leva a mudança nas convivências das ações humanas diante da sociedade, fazendo as pessoas seres humanos com mais princípios coletivos, mudando assim, o seu caráter individualista.

Transformando o agir dos seres humanos numa convivência que leve não a divergir entre opiniões, mas escolha acolher para uma integração. Fazendo um ato de ensino inovador não imitador. Porque, somente lindas palavras que nos deixem maravilhados, mas que não levem a uma iniciativa, não mudaram o mundo, mas nos levaram a ser pessoas, somente de falácias torpes e atitudes inexistentes que estão atrelados ao comodismo.

Porque não vê o outro como eu. Antes de qualquer coisa, deve-se refletir se tal coisa acontecesse comigo me deixaria feliz? E porque a desejamos ao outro, esse outro futuramente, poderá ser nós mesmas, com papéis invertidos, numa situação adversa. E aí será que ele não agiria diferente de nós e nos ajudaria. Ainda há uma reciprocidade, existem pessoas que acreditam não somente na mudança do seu semelhante, mas na transformação e reconstrução do mundo, através da renovação de uma sociedade mais acolhedora e menos capitalista.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica de caráter observatório que se desenvolveu mediante a preocupação com os ataques sofridos pela educação e seu autor Paulo Freire. Além disso, busca-se mostrar o quanto ele fez por todos e o que estão fazendo com todos os seus esforços.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Busca-se despertar o olhar crítico de todos para defenderem uma educação igualitária e que traga conhecimentos importantes, como os demais vistos na educação particular, que é tao falada. Mas que pode se igualar a pública, ou entaoa pública pode como a união de todos ultrapassar barreiras e se destacar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração esse aparato de concepções que fazem parte da construção do repertorio da Educação Popular, podemos fazer uma breve reflexão de que o mundo não precisa somente girar em torno do capitalismo, buscando o bem-estar individualista e atropelando todos os que estão ao seu redor.

Contudo, é indispensável saber que, necessita-se de seres humanos, mas destituídos de si, e prontos para refletir sobre a condição do seu próximo. De pessoas que saibam valorizar umas as outras. Que embora não consigam conviver com todas, mas não sejam capazes de menosprezá-las, que ajam com respeito, visando assim, uma reciprocidade mutua.

Essa não era somente a ideia implantada e vivida por freire e muitos outros educadores, mas deve ser a Educação propagada por todas e todos que dizem ser adeptos de um ensino igualitário não elitista e selecionista, que ceifa vidas e traz um jugo implantada desde décadas as costas da classe pobre, que pode sim, desenvolver-se como os outros, mas para isso é primordial que os seus defensores não vejam as dificuldades que estão na caminhada, mas tracem planos que abreviem a sua conquista.

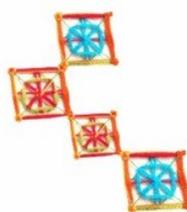
REFERÊNCIAS

ANHUCCI, Loren PelikKempe; SILVA Claudia Neves da. **EDUCAÇÃO POPULAR: desafios postos pela pós-modernidade.** In: ANAIS da VI Jornada de Políticas Públicas. São Luis, agosto 2013.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire a educação popular.** In: Revista Proposta, Rio de janeiro, n. 113, 2007.

GOHN, Maria da Gloria. **A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS COLETIVOS.** In: ANAIS. XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, outubro 2015, p. 37704-37719.

NAHMIA, Marcela Tchimino. **Os Desafios da Educação Popular Frente à Diversidade e à Exclusão.** In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Orgs.) **EDUCAÇÃO POPULAR NA AMÉRICA LATINA: diálogos e perspectivas.** Brasília: MEC; UNESCO, 2009.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

MENEZES, Germana Alves de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga. **PAULO FREIRE:** a favor ou contra, pequeno inventário de críticas, confrontos e contribuições. In: Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, Salvador, vol. 6, p. 30-40, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/index>. Acesso em: 19/03/2019.